

## VIVÊNCIAS DE UMA ATIVIDADE DE DOCÊNCIA ACERCA DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR COM TURMAS DE 1º ANO DO COLÉGIO ESTADUAL DR. ROBERTO SANTOS - POÇÕES-BA

Celio Silva Meira<sup>1</sup>  
Grazielle Novais do Lago<sup>2</sup>  
Lucas Aguiar Tomaz Ferreira<sup>3</sup>

### RESUMO

Em nossa realidade escolar, em sua grande maioria, ainda é um tabu, debater questões relacionadas as mais variadas formas de violência: homofobia, racismo, sexismo, e com isso, dificulta a denúncia na maioria das vezes por parte das vítimas. Pensando por este viés, o texto ora aqui apresentado, é fruto de uma série de oficinas realizadas por meio das disciplinas de Sociologia e Práticas Integradoras com turmas do 1º ano do Ensino Médio, ano letivo de 2017, do Colégio Estadual Dr. Roberto Santos em Poções-BA, que faz parte do território de Identidade de Vitória da Conquista-BA. A experiência a que este texto se refere provém das nossas inquietudes no que tange aos temas que envolvem as temáticas citadas anteriormente. E foi construído para promover debates relacionados aos preconceitos e às discriminações que se manifestam no espaço escolar, voltados para o racismo, sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia, na perspectiva de apontar caminhos que conduzam ao reconhecimento e valorização às diferenças. Para isso, foram utilizados os aportes teóricos de autores inscritos nas perspectivas pós-críticas, dentre os quais destacamos: Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Richard Miskolci, Tomaz Tadeu da Silva, Luma Nogueira de Andrade etc.

**Palavras-chaves:** Violência. Espaço escolar. Diferenças.

### 1 INTRODUÇÃO

Sendo a sociedade contemporânea extremamente estimulada pelos mais diversos avanços tecnológicos e científicos, também, esta mesma é marcada por novas formas de vivências e maneiras ampliadas de pensar o mundo, e ainda traz consigo concepções hegemônicas que tentam a todo custo normalizar e impor limites às diversas práticas sociais intituladas de “diferentes”. Esses “modelos” de normas sociais ainda permeiam o cotidiano das nossas unidades escolares, visto que, são nesses territórios que esses preceitos são enfaticamente reforçados/valorizados, como por exemplo, que se deve mirar num ideal de homem cristão, que na sua maioria é branco, heterossexual e de classe alta urbana.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, UCSal - membro do grupo de pesquisa DSN (Desenvolvimento, Sociedade e Natureza). E-mail: celiomeira2014@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Geografia, Especialista em Análise Territorial do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: graziellelago@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Geografia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: lucasaguiar04@hotmail.com

Segundo Louro (2000), as pessoas inseridas nesse ambiente, que não correspondem ao padrão estabelecido, sofrem preconceitos e discriminações. Dentre esses grupos, podem ser destacadas as mulheres, pessoas negras, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis ou ainda os/as intersex<sup>4</sup>.

Nesse contexto, a temática ora alavancada pela articulação do Programa Ensino Médio Integral (PROEI), professores das disciplinas Práticas Integradoras e Sociologia, além do graduando em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), constituiu-se em um processo educativo, cultural e científico que estimula a pensar em uma sociedade que reconheça as diferenças em que se apresenta a pessoa humana em todas as suas subjetividades, além de buscar refletir sobre as incompletudes de nossa existência no mundo.

A experiência a que este texto se refere provém das nossas inquietudes no que tange a temas que envolvem raça/etnia, gênero e sexualidades. Foi construído para promover debates relacionados aos preconceitos e às discriminações que se manifestam no espaço escolar, voltados para o racismo, sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia, na perspectiva de apontar caminhos que conduzam ao reconhecimento e valorização às diferenças.

Com a finalidade de dar consistência à proposta didática, foram utilizados os aportes teóricos de autores inscritos nas perspectivas pós-críticas, dentre os quais destacamos: Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Richard Miskolci, Tomaz Tadeu da Silva, Luma Nogueira de Andrade etc.

A ênfase dada ao tema justifica-se pelo fato de se compreender que a escola representa uma instituição social tão influente quanto à família, e, ainda por haver um entendimento de que nesse espaço se evidencia uma forma de normalização coletiva a que Miskolci (2016), salienta ser esse o lugar onde:

Ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de forma muito violenta [...], historicamente, a escola foi durante muito tempo e ainda é um lugar de normalização, um grande veículo de normalização escolar. (MISKOLCI, 2016, p. 40)

Por isso, compreende-se que as subjetividades das pessoas, expressas em seu modo de viver, causam estranhamento em determinados espaços, no caso em questão, o escolar.

A escola é um ambiente onde se espera que se exercite a convivência de forma respeitosa entre os pares que a compõem. No entanto, percebe-se que nas relações estabelecidas rotineiramente no ambiente escolar da educação básica, as diferenças são transformadas em desigualdades tendo como parâmetro os padrões e valores culturais disseminados por um saber cultural

---

<sup>4</sup> Termo de origem médica que foi incorporado pelos ativismos para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que entendemos por corpos masculinos ou femininos (PINO, 2007, p. 153).

e social não só de cunho eurocêntrico como também heteronormativo, sexista e misógino e que não dialoga com os demais saberes e práticas sociais. (SILVA, 2000, p. 101)

Com isso, a proposta didática trouxe à tona a discussão sobre o sexismo abordando como o mesmo se manifesta em situações simples do cotidiano escolar ao oferecer estímulos reforçadores do papel social e o comportamento a ser adotado por cada pessoa, evidenciadas em frases tipo: “homem não chora”, “menina é recatada e deve ser sensível”. Esse binarismo mostra que, do ponto de vista econômico, político e cultural, a sociedade está “muito bem” compartimentada, com lugares bem definidos para homens e mulheres, por exemplo, rejeitando os trânsitos e as instabilidades (VIANNA, 2001).

Desconstruir as ideias que geram a violência escolar não é uma tarefa fácil, requer problematizar o modelo hegemônico predominante na nossa sociedade. Neste modelo, existem as minorias que são entendidas aqui, conforme ratifica LOURO (2008, p. 20) como “uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da ótica dominante”, e neste construto refere-se à mulher, à população negra e LGBTTI<sup>5</sup>. E toda essa violência direcionada a esses grupos naturaliza-se de tal maneira, que se torna imperceptível para uma grande maioria.

## **2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

A experiência desenvolvida junto à comunidade escolar foi realizada com base em uma abordagem qualitativa, onde levantamos discussões sobre situações de violência dentro da escola relacionadas ao racismo, sexismo e homo-lesbo-bi-transfobia, mediante exposição oral, apresentação de vídeos, leituras de imagens e textos e discussão.

A primeira etapa teve como principal objetivo promover discussões relacionadas à violência existente no espaço escolar no que concerne às temáticas citadas acima. Para tanto, foram exibidos dois vídeos: “*Cores e Botas*”<sup>6</sup> que narra o episódio de uma criança negra que sonha em ser paqueta (integrante e dançarina do Show da Xuxa, na década de 1990), em que ela é hostilizada por colegas de classe e professoras, pelo fato de não atender ao perfil físico exigido. Já o segundo vídeo “*Boneca na Mochila*”<sup>7</sup> fez um recorte da história de um menino que é pego na escola, portando uma boneca na mochila, causando alvoroço e desentendimento na comunidade escolar.

---

<sup>5</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexos (MENDES; FILHO; SOUZA, 2013, p. 01).

<sup>6</sup> VICENTE, Juliana. Cores e botas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L18EYyU0o>.

<sup>7</sup> BONECA NA MOCHILA. Kit anti-homofobia. <https://www.youtube.com/watch=xGRtA7BPWy4>.

Após o debate, expomos no centro da sala de aula recortes de manchetes retiradas de jornais e revistas que continham situações reais de violência escolar relacionada ao tema, onde cada aluno observou atentamente e escolheu uma delas. Por meio da leitura e análise de cada manchete, as turmas, em grupo/trio oralmente, expuseram à problemática lançando uma solução para lidar com a situação apresentada. Nesse caso, a partir de um lugar, se assumindo como pai, mãe ou professor (a), diretor (a) ou colega da turma ou ainda como funcionário da escola que estivesse “vivenciando” aquele fato. Em sequência, formaram um painel coletivo intitulado “*Aprendendo a Conviver com as Diferenças*” ilustrando as soluções encontradas.

Ao término da atividade, propomos a seguinte indagação/pergunta para que os alunos refletissem diante do seguinte questionamento: “De acordo com a atividade, quais discursos e atitudes podemos/devemos assumir diante dessas violências ocorridas também, no ambiente escolar?” Ao final, exibimos o vídeo “*Por uma Infância sem Racismo*”<sup>8</sup>. E prosseguimos alavancando discussões sobre a questão do mito da democracia racial que foi construído no Brasil, no século XIX, e a crença de que há condições de igualdade para todas as pessoas nesse país.

Para finalizar o debate, conduzimos as turmas envolvidas na atividade para assistir a peça teatral “*Dandara*” (que retrata a temática do respeito acerca das diferenças culturais brasileiras), apresentada pelo *Grupo de Teatro Caroá*, grupo este, formado por atores locais, alunos e ex-alunos da escola.

Os resultados observados nessa experiência com alunos do Ensino Médio, tomando como base a produção escrita destes, assim como os diálogos em sala de aula, nos faz reportar mais uma vez aos estudos de Louro (2000), onde esta, afirma que a escola, além de possuir regras que delimitam ações, é também um ambiente que separa os indivíduos em todos os aspectos, quer seja pela classe social, idade, sexo e gênero. E ainda, acrescenta a supracitada autora, expõe símbolos que informam aos sujeitos o sentido da sua existência enquanto instituição. Várias situações foram problematizadas e pensadas na lógica que as rege, buscando analisar a construção social das diferenças no ambiente escolar. Para tanto, os alunos foram convocados a ter um olhar aguçado sobre o cotidiano da escola que, à primeira vista parece tranquilo e homogêneo, no entanto, permite e faz circular em sua rotina, regras, práticas e valores que são promotores de vigilância e controle dos sujeitos.

No que se refere às discussões alusivas ao racismo, a maioria dos alunos se autodenominou pardos, outros negros, e relataram que, muitas vezes foram vítimas de discriminação racial tanto na escola, como em outros locais. No entanto, alguns ainda não

---

<sup>8</sup> POR UMA INFÂNCIA SEM RACISMO. [https://www.youtube.com/watch?v=\\_aPYuKiK FMg](https://www.youtube.com/watch?v=_aPYuKiK FMg).

compreendem claramente que a desigualdade social no Brasil tem cor. Citaram ainda muitos discursos, piadas e apelidos pejorativos que já ouviram na escola carregados de preconceitos que causam desconforto e inferiorizam a pessoa negra e conseguiram perceber que o ambiente escolar é um espaço onde as pessoas “diferentes” do padrão imposto socialmente sofrem muito mais, por serem quem são.

As falas e ações impregnadas de preconceito racial trazem à tona a necessidade de “desconfiar do que é tomado como natural”, de questionar o que é ensinado e de como se processa esse ensino. Dessa forma, foram pontuadas nas discussões, que essas situações presentes dentro e fora da escola, são produzidas com base em um modelo etnocêntrico construído historicamente, que suprime o universo cultural dos povos negros, reforçando a imagem de inferioridade da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros.

Para as discussões relacionadas ao sexismo, os alunos relataram situações presenciadas e até mesmo vivenciadas por eles no ambiente escolar e em outros espaços. Embora tivessem compreendido sobre a importância de que não deve haver hierarquização entre os gêneros, houve depoimentos relacionados ao ambiente familiar onde as brincadeiras e brinquedos são distintos para meninos e meninas e as atividades domésticas são geralmente destinadas ao público feminino e, na escola, muitas vezes essa segregação e papéis são ratificados e reforçados. Entretanto, o grupo compreendeu a necessidade de se pensar que os modos de viver devem ser escolhidos pela pessoa e não se deve permitir a perpetuação da inferioridade feminina e a supremacia masculina, visto que essas tensões culminam com conflitos tornando-se um dos principais motivos condutores para a violência doméstica.

A partir dessas observações aqui traçadas, todos/as participantes se posicionaram trazendo à tona a importância de que é necessário pensar sobre as consequências do sexismo nas relações sociais, e quão este fenômeno é nocivo, já que possibilita, sobretudo, provocar hierarquização das pessoas por meio do sexo e gênero.

Após as problematizações acerca desse tipo de violência, os alunos afirmaram que os professores, direção, os próprios estudantes e funcionários, precisam se manifestar quando perceberem alguma atitude que caracterize homofobia na escola, pois, diante de uma agressão, o silêncio traz em si o sentido de conivência.

A inércia diante desse tipo de violência também provém de uma construção social, uma vez que posicionar-se, significa reconhecer que aqueles ou aquelas que se manifestam diferentemente dos valores hegemônicos não são estranhos, pois o olhar que se tem sobre eles ou elas é que os torna assim, esquisitos, relegando-os à abjeção. À primeira vista, apenas ser indiferente diante das práticas lesbo-homo-bi-transfóbicas na sala de aula talvez seja uma atitude que o educador encontra para não se permitir desestabilizar ou

entrar em uma seara tão conflituosa ainda na atualidade que é a sexualidade. Porém levantar questões que se refiram ao assunto é um caminho para ampliar a maneira de entender que as pessoas devem ser respeitadas e valorizadas em suas subjetividades. (COSTA; SOUZA; CORTES, 2016, p. 319)

A rotina no ambiente escolar revela situações e práticas pedagógicas diretamente relacionadas com a produção de diferenças produzidas socialmente. Partindo desse princípio, é necessário buscar não apenas reconhecer a diferença que compõe o espaço escolar, mas colocar em evidência questionamentos que transcendam as declarações benevolentes de boa vontade para com a diferença.

Não se pode perder de vista que fazemos parte de uma sociedade heteronormativa, que fomos construídos socialmente para nos limitar ao binarismo homem/mulher, e também a hierarquizar as outras pessoas pela identidade étnico-racial, pela divisão sexual e de gênero de tarefas sociais, além de posturas pela orientação sexual. E assim muitas vezes nos autorizamos a vigiar, condenar e considerar abjeto, quem não está engavetado nas normas. Com isso, geralmente nos esquecemos de que também estamos disciplinando e controlando a nós mesmos. E alargar o pensamento requer nos permitir à novas leituras, romper com o já construído, desestabilizar o que parece imutável. E este processo de pensar sobre si, de se rever, não é tranquilo e nem fácil, é uma aprendizagem contínua.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O colonialismo de linguagem imposto pelos pensamentos ainda enraizados nos séculos XVI, XVII e XVIII, que dividia o mundo em masculino e feminino, ainda continua a perpetuar nos dias atuais. Urge a necessidade de uma compreensão de que a sexualidade vai muito além da simples questão pregada pelas ideias religiosas, que é a reprodução da espécie humana. É possível pensar novas relações que a não binariedade a partir de linguagens, de falas, textos, definições que foram engendradas, criadas por uma sociedade que quer a todo custo manter essa ideia do binário e quando alguém ousa pensar fora deste contexto, historicamente emergido no sistema colonizador de pensamento, passa a ser condenado pelo sistema social.

Neste caso, o ciclo social em você já nasce imerso e que mantém e reforma o sistema colonizador que te classifica, te rotula e te define desta ou daquela forma, não te dar a possibilidade de pensar, de agir e de criar suas próprias convicções. Assim, nos perguntamos, e a escola, que papel desempenha enquanto formadora de opinião e de sujeitos? Percebemos que esta instituição tem uma função construída socialmente de “formar” pessoas, indicando

que está aquém de seu verdadeiro papel, que é “formar” cidadãos plenos de direitos e livres enquanto pessoas. Livres, inclusive para viver sua sexualidade sem ter que seguir binarismos impostos por modelos sociais heteronormativos.

Para Meira e Amorim (2017), mesmo com todos os problemas, que escola tem com o silenciamento no tocante às questões da sexualidade e outras, ainda é nela que mora a esperança de uma sociedade que se constitua pela justiça e igualdade. Ao tempo em que, evidencia-se que com todas as dificuldades aqui retratadas, a escola permanece como um espaço em que novos padrões podem ser construídos, ou seja, o estabelecimento no/pelo seu interior de novas formas de convivência, de aprendizagem, podem revelar novas formas de produção de conhecimento e transmissão de valores e de alteridade. Especialmente, se forem abolidas as práticas que geram a discriminações, o preconceito, e violências que levam à estigmatização de grupos que promovem o racismo, o sexismo, o homofobismo entre outros males sociais.

Quando se propõe estudos de gênero e sexualidade dentro dos currículos escolares, propõe-se pensando que eles contribuam para levantar questões e pensar em ações na escola em uma perspectiva da educação para diversidade e, desse modo, para uma instrução que combata a discriminação e preconceitos, as violências de gênero, violência contra mulher e a violência homo, lesbo e transfóbica.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Cláudia Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de; CORTES, Rita de Cássia Santos. Vivências de uma atividade docente sobre violência no espaço escolar no curso de extensão em gênero, raça e diversidade sexual/ Odeere – UESB/BA. **Revista ODEERE**, Vitória da Conquista, n.1, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 20, maio/ago, 2008.

MEIRA, Celio Silva; AMORIM, Celeste Dias. Homofobia e educação: algumas reflexões. Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional. **Anais: Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p. 479-493, 2017.

MENDES, Pábulo Guimarães; FILHO, Natalino Perovano; SOUZA, Marcos Lopes de. As configurações e os delineamentos do movimento LGBTTI no Território Médio Rio das

Contas. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade do Estado da Bahia – Campus I, Salvador – BA. **Anais [...]**. p. 01-12, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

PINO, Nádía Perez. A TEORIA QUEER E OS INTERSEX: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **Cadernos Pagu, Campinas**, n. 28, p. 149-174, janeiro-junho, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.